

# **Repercussão do lançamento do documento** **“Rio mais ou menos 20?”**

## **O ESTADO DE SÃO PAULO**

Ex-ministros de Ambiente advertem que Rio+20 segue rumo ao retrocesso

Autor(es): GIOVANA GIRARDI

O Estado de S. Paulo - 19/04/2012

Ambiente. Grupo encaminha relatório para o governo federal com críticas de que a ausência de questões ambientais na agenda da conferência do desenvolvimento sustentável compromete os objetivos de fazer a transição para a tão desejada economia verde.

Há um elevado risco de que a Rio+20 seja não apenas irrelevante, mas configure um retrocesso dos avanços alcançados na Rio 92. Esta é a opinião que um grupo de ex-ministros do Meio Ambiente e especialistas na área apresentou ontem, em São Paulo, ao lançar o documento Rio Mais ou Menos 20?. O texto traz críticas e sugestões não só à conferência, como também à atuação do governo brasileiro.

"Em 92, o Brasil estava alavancando uma agenda interna e externa que tem resultados importantes até hoje", lembrou a ex-ministra Marina Silva. Agora, afirma, houve um "exílio" da problemática ambiental na Rio+20.

Em geral, o governo federal e a ONU têm manifestado que a conferência não é de ambiente, que não é mais hora de discutir só esse aspecto, mas sim o desenvolvimento sustentável, o que significa englobar três pilares: social, econômica e ambiental.

A percepção de vários ambientalistas, cientistas, organizações civis e do grupo reunido ontem, porém, é de que, desse modo, não só a agenda está muito diluída, fraca e sem foco, como a parte ambiental está muito aquém do que seria necessário para o mundo de fato trilhar para a tal economia verde.

"Não há desenvolvimento que não tenha de ser pensado no social, econômico e ambiental, mas dizer que meio ambiente não vai ser discutido, no meu entendimento, é um retrocesso sim à visão de 92", diz Marina.

Para o grupo, liderado pelo ex-embaixador Rubens Ricupero, que esteve à frente das negociações brasileiras na Rio 92, há um equívoco, por parte do governo, em se apoiar no que chama de "retórica dos três pilares".

O problema "é não perceber que o pilar ambiental é a condição das possibilidades para os outros dois", diz. "Se falharmos em barrar o aumento de elevação da temperatura a mais de 2°C, não vai ter econômico ou social que resistam. É a base da sustentação física do planeta."

Para o físico José Goldemberg, que era o secretário de Ambiente em 92, quando ainda não havia ministério, a responsabilidade é ter um "desenvolvimento que dure", o que não vai ocorrer, acredita, se o clima desandar.

Segundo Ricupero, a ideia é que o documento, que será enviado à presidente Dilma Rousseff, seja visto como uma contribuição construtiva e possa abrir espaço para mais diálogo antes da realização da conferência. Para Ricupero, ainda dá tempo para negociar, melhorar e deixar mais ambicioso o texto que deve resultar da Rio+20.

Tempo de mudança. Outros signatários do texto acham que o ganho pode ser outro. É a opinião do pesquisador Eduardo Viola, do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e analista internacional desse tipo de negociação.

"Mudar o resultado da conferência, o que parece ser nesse momento um baixo mínimo denominador comum entre os países, é difícil", diz. Mas, para ele, o que pode mudar é a posição do Brasil. "Isso terá impacto na conferência e no futuro, ao aumentar extraordinariamente o prestígio do Brasil como país que aposta na evolução da humanidade, na governança global."

Viola lembra que em 2009 o País mudou repentinamente de opinião sobre uma questão semelhante quando todo mundo já não tinha esperanças de que o faria. Ele se refere à decisão, às vésperas da Conferência do Clima de Copenhague, de adotar metas voluntárias de redução das emissões de gases-estufa, contrariando um "dogma", como definiu Marina, que havia no governo de não fazer isso.

"Forças conservadoras predominavam, mas um processo de emergência e de desenvolvimento de forças reformistas conseguiu ganhar. Ainda é possível que o Brasil se destaque como país responsável", diz Viola.

Documento pede foco na transição para baixo carbono

Autor(es): O Estado de São Paulo

O Estado de S. Paulo - 19/04/2012

Um dos tópicos defendidos do documento Rio Mais ou Menos 20? é que o resultado da conferência deveria trazer um apoio mais explícito à transição para uma economia de baixo carbono.

Para os signatários, nessa mudança, que tem um ganho ambiental importante na transformação do modelo tradicional econômico, está a base do desenvolvimento sustentável.

"É na economia de baixo carbono que está a resposta tanto para as mudanças climáticas quanto para o desenvolvimento sustentável", afirma o físico José Goldemberg, da USP. "Mas não temos tido uma ação com instrumentos econômicos e prioridades para essa transição", complementa a ex-ministra Marina Silva.

José Carlos de Carvalho, ministro do Meio Ambiente no final do governo Fernando Henrique Cardoso, afirma que a forma como estão sendo conduzidas as negociações e mesmo o surgimento de novas expressões como "economia verde" ou

"crescimento verde" podem acabar despistando o foco na transição para o baixo carbono. "Surgem novos conceitos quando o de desenvolvimento sustentável nem sequer foi consolidado. Tenho receio de que eles mantenham os velhos problemas sem solução."

## **VALOR ECONÔMICO**

Marina Silva vê risco de Rio+20 ser irrelevante

Autor(es): Arícia Martins

Valor econômico - 19/04/2012

A ex-senadora Marina Silva engrossou ontem o coro de críticas à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, ao aderir ao documento "Rio mais ou menos 20?", criado por um grupo de políticos e intelectuais envolvidos em questões ambientais.

A carta, divulgada hoje, chama a atenção para a ausência de temas importantes na agenda da cúpula da ONU, que será realizada em junho, no Rio, tais como a transição para uma economia de baixo carbono e a mudança climática.

O documento deve ser enviado ao governo brasileiro, em uma tentativa de mobilizar a opinião pública. "Estamos vivendo um elevado risco de que a Rio+20 não seja apenas um encontro irrelevante, mas que acabe também sendo margem para retrocessos", disse Marina.

Segundo ela, há uma preocupação com o processo histórico que começou na Rio 92, quando o Brasil alavancou uma agenda com resultados importantes até hoje. Para Marina, a discussão de temas econômicos e sociais na Rio+20 também é importante, mas não deve ser colocada em oposição à agenda do desenvolvimento sustentável. "Essa visão que o meio ambiente não deve ser discutido, no meu entendimento, é um retrocesso à visão de 1992, quando as coisas foram colocadas de forma integrada."

A ex-senadora também defendeu que o Brasil, por ser anfitrião da Rio+20, deve assumir uma posição de protagonista na cúpula e não somente se posicionar como mediador das discussões. Para ela, as conquistas do país na redução do desmatamento e no desenvolvimento de uma matriz energética predominantemente renovável devem ser aproveitadas para conferir ao Brasil um papel de liderança na conferência.

Marina defendeu ainda a criação de uma agência específica na ONU, nos moldes da Organização Mundial do Comércio (OMC), para discutir as questões relacionadas ao meio ambiente.

O embaixador Rubens Ricupero, um dos signatários do documento, afirmou que a primeira versão da carta foi entregue ao vice-presidente da República, Michel Temer. "Estamos na fase de consultar ex-ministros do Meio Ambiente", disse. "Temos o desejo de manter esse diálogo no mais alto nível", disse.

Ricupero também destacou que o documento será publicado em um site "para futuras adesões e contribuições". Além dele e de Marina, assinam a carta o diretor do Instituto de Estudos em Política Econômica Casa das Garças e um dos pais do Plano

Real, Edmar Bacha; o professor José Goldemberg, secretário do Meio Ambiente na Rio 92; e o ex-deputado federal Fábio Feldmann, entre outros.

## **FOLHA DE SÃO PAULO**

Manifesto tenta 'salvar' cúpula do fracasso

Autor(es): Folha de São Paulo

Folha De São Paulo - 19/04/2012

O grupo dos ex-ministros do Meio Ambiente encabeçado pelo embaixador Rubens Ricupero e pela ex-senadora Marina Silva apresentou ontem, em São Paulo, um manifesto para "salvar" do fracasso a Rio+20, a conferência ambiental das Nações Unidas que será realizada em junho.

Segundo o manifesto, as principais questões ambientais da atualidade, como as mudanças climáticas e os limites físicos do planeta, estão fora da pauta da cúpula. "Há um elevado risco de que a Rio+20 seja não apenas irrelevante, mas configure um retrocesso. Essa percepção pode conduzir a um esvaziamento da conferência em termos de presença de chefes de Estado e de governo", alerta o documento, assinado por ex-ministros, economistas e cientistas.

Eles cobram do governo mais visão estratégica na condução dos trabalhos para a conferência. Também sugerem a adoção de políticas industriais, sociais e de inovação que coloquem o Brasil no caminho de transição para a economia verde.

O grupo de ex-ministros aguarda uma audiência com a presidente Dilma Rousseff ainda neste mês para entregar o documento.

Na avaliação de Ricupero, a falta de ambição em tornar a Rio+20 tão relevante quanto foi a Eco-92 em tratados e acordos ambientais reflete a postura do próprio governo federal diante desses temas. "A posição do Brasil é tímida porque o governo brasileiro não acredita nas mudanças climáticas. Há uma atitude de negação e adiamento frente a esses temas", diz.

A posição oficial do Itamaraty é a de que a Rio+20 será uma conferência sobre desenvolvimento sustentável, apoiada em três pilares: social, ambiental e econômico.

Para o ex-deputado Fábio Feldmann, é preocupante que o Brasil, como anfitrião, não queira debater as questões ambientais na Rio+20. "O Brasil está tímido porque não quer desagradar ninguém e no final vai acabar desagradando todo mundo."

## **O GLOBO**

Rio+20: sociedade pede seriedade a governo

Autor(es): Roberta Scrivano; Edilson Dantas

O Globo - 19/04/2012

Documento assinado por representantes de vários segmentos quer que conferência debata mais a questão climática

RUBENS RICUPERO encabeça documento entregue ao governo

## SÃO PAULO

A Rio+20 pode ser um fracasso, sobretudo para a área ambiental. Éo que pensam duas dezenas de economistas, políticos, cientistas, ex-embaixadores e ex-ministros que enviaram ontem ao governo federal documento pedindo que a conferência "discuta com seriedade e profundidade a agenda de políticas e negociações na área climática e de transição para uma economia de baixo carbono".

A elaboração do documento "Rio mais ou menos 20?" foi encabeçada por Rubens Ricupero, ex-ministro e exsecretário geral da Unctad, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU).

- Quero deixar claro que este documento não é oposição nem governo. É somente uma posição. O material é para colaborar com o debate da Rio+20 - disse o ex-ministro ontem na apresentação do documento a jornalistas na Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap).

A ex-senadora e ambientalista Marina Silva é uma das personalidades que assinou o documento. Para ela, ferrenha crítica da maneira como a conferência está sendo elaborada, o mundo vive um "sério risco de que a Rio+20 seja irrelevante e dê margens para retrocessos".

- Precisamos de uma avaliação honesta do que precisamos no meio ambiente. A conferência deveria fazer isso, mas não sei se fará - comentou Marina.

O receio da ex-senadora foi ecoado por todos os outros presentes na apresentação do documento. O professor da Universidade de São Paulo (USP) José Goldemberg, que também já esteve em mais de um governo entre os que gestores da política ambiental do país, classificou o atual modelo econômico brasileiro e mundial de "predatório".

A tentativa mundial de alterar o conceito de "desenvolvimento sustentável" para outro chamado de "economia verde", e que deve ser fortemente debatida na Rio+20, éo tópico que mais preocupa José Carlos Carvalho, ex-ministro do Meio Ambiente e ex-secretário do estado de Minas Gerais.

- Isso me preocupa porque nós mal conseguimos consolidar e executar um conceito e já surge outro - disse ele, completando que só há debates retóricos e conceituais e pouca efetividade nas ações pensadas ao meio ambiente. - Até agora, há reuniões de dez em dez anos para refazer compromisso e promessas.

Até a indústria, um dos segmentos mais poluentes, aderiu ao "Rio mais ou menos 20?". Rodrigo Loures, presidente do Conselho de Inovação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), disse que "este é o documento mais justo porque vai no cerne da questão". Outros nomes como Stela Goldenstein, secretária do Meio Ambiente de São Paulo, as economistas Elena Landau e Sandra Polónia Rios, e o ex-ministro Sérgio Amaral, assinaram o documento.

